

Mto de arte
contemporânea?

≠ Vou Luz Baras

Out. rel

BOUSSO, Vítória Daniela. **Fiaminghi ou a concreção sensória**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1992, pp. 197-199. Dissertação de mestrado.

M. A. Amaral Rezende

Fiaminghi é um caso raro de artista brasileiro que vive em regime de investigação permanente. Desde seu período concreto, sempre se recusou a seguir sua própria receita. Da estrutura-macro da pintura geométrica, construída com a dinâmica da cor que o diferenciava de seus colegas, passou à estrutura-micro da retícula. Enfrentou, então, a questão da luz, talvez a mais complexa e difícil da pintura moderna.

Exigiu-se a aprender o olhar-síntese de natureza e pintura, à frente da ciência. Se colocou o desafio maior de ir além dos impressionistas. Fiaminghi não buscou recriar a impressão da luz através da paisagem – mais que a luz, a luminosidade –, através das cores e estruturas da natureza.

Para dar este salto, Fiaminghi criou sua própria paleta, no olho e no gesto de pintar, inventou cores que são, simultaneamente, sólidas e transparentes. Realizou aquilo que Goethe, em sua teoria da cor, considerava impossível: transformar a opacidade da cor em luminosidade. Foi além da cor, chegou à “corluz”. Ela implodiu a sua geometria anterior. Produziu a síntese da paisagem/estrutura macro com o microcosmo da forma/fundo dos pigmentos naturais. Transcendeu a dialética cor/sombra. Viu, pela pintura, na tela, o que o próprio olho não vê: a paisagem no milionésimo de segundo que media a sensação e a percepção.

As cores de Fiaminghi interagem com a pincelada e com a arquitetura da composição, tensão múltipla de movimento das cores e das formas. E, como cada gesto é único, cada estrutura é também única. Nesta exposição, “Corluz 1990”, Fiaminghi está, outra vez, no limite de sua radicalidade. A textura cromática lhe interessa, em todas suas escalas, no zoom in ^{no} zoom out do olho que “lê” a tela. É difícil e desafiante. Não se deixa controlar pela “engenharia da composição”. Como Miró, comentado por João Cabral de Melo Neto. Fiaminghi busca a “surpresa essencial”, reaprende a cada tela. Seus quadros não repetem um modelo. “Eles parecem recomeçar a cada momento um novo caminho”, ainda João Cabral. São sempre informação original. Fiaminghi não aceita a segurança do fácil e do sabido, do previsível, para os que não sabem que arte ou é risco ou não é nada. Não é rotina. Recusa-se a imitar a si mesmo. Quer ver o imprevisível.

A VIAGEM DE Fiaminghi à sentranhas da luz, recriada em “Corluz 1990”, da Galeria Montessanti, é uma viagem de surpresas e segredos que ele desvenda a cada quadro. Sua radicalidade se expressa até quando o prazer de pintar é total, sabedoria de Mestre que aprendeu o olhar do olhar, um “ritual preciso e misterioso” como diz Décio Pignatari, na apresentação da mostra. Esta exposição não é um conjunto fácil e homogêneo como muitas outras dos que se repetem, quadro a quadro, ano a ano. Nela, a cor, o gesto, a estrutura se renovam em cada tela. Cada um a delas é uma micromacrosopia da alma física do visível. É nova e surpreendente, fascinante, como a permanente novidade das cores e das luzes da natureza, diferente a cada infinita fração de segundo. Lucidez total.

*que
luz*

tem parts = vai Luz Baras